

Mesa e Memorial

Ordinariamente a eucaristia se apresenta e se vive centrada no altar e na cruz, um altar presidido pelo sacerdote que atua como *alter Christus*, frente a distancia e a passividade do povo que cala, escuta, reza e participa na coleta. A própria estrutura arquitetônica do templo favorece e expressa esta distância entre o ministro e o povo.

Se a isso se acrescenta a dificuldade que as pessoas têm de compreender muitos textos bíblicos e a própria oração eucarística, não podemos estranhar que em muitas de nossas igrejas só participem pessoas da terceira idade. Quando se recorda que os primeiros cristãos e mártires não podiam viver sem o domingo, quer dizer sem a eucaristia, entende-se que algo muito importante mudou na teologia, na vivência e na pastoral eucarística ao longo dos séculos. É triste que a Igreja tenha que obrigar a assistência dominical à eucaristia e a que se comungue na Páscoa.

1. O simbolismo básico e primário da eucaristia não é o altar, mas a mesa. A mesa é uma destas palavras originais, proto-palavras, *Urworte*, que inclui comida, família, lar, partilhar, convivialidade, alegria, festa, carinho, proximidade e amor. Como João Paulo II afirmou, o simbolismo mais evidente da eucaristia é o banquete (*Mane nobiscum, Domine*, 15). Coerentemente com isto, a Igreja primitiva chamava a eucaristia a ceia do Senhor ou a fração do pão. Por isso, o símbolo material do sacramento eucarístico não é simplesmente o pão e o vinho, mas o pão e o vinho partidos, repartidos e compartilhados.

Que Jesus como momento de despedida tenha escolhido uma ceia para recordar o que foi sua vida e celebrar sua real e presente comunhão conosco, não é uma casualidade. Em todas as culturas e religiões a mesa tem um profundo sentido de comunidade familiar e ao mesmo tempo de hospitalidade e abertura aos demais, em um ambiente que se abre ao mais além, ao sagrado, ao Mistério.

Também Israel vive e expressa sua fé em comidas familiares e, sobretudo, celebra a ceia pascal, em memória da libertação do Egito. Em contexto Pascal também Jesus celebra sua última ceia de despedida de seus discípulos antes de sua paixão.

Jesus faz da comida compartilhada um sinal do Reino de Deus: come com pecadores, compartilha uns poucos pães e peixes com uma multidão imensa de discípulos que o seguem num lugar deserto, celebra comidas com amigos, em Caná converte a água em vinho bom do Reino, pede que nos banquetes se convide a pobres e mendigos, sem exclusões, que não haja Lázarus que comam as migalhas da mesa do rico, etc... Seus inimigos o chamam de comilão e beberrão, de bêbado e se queixam de que seus discípulos não jejuem como os de João Batista.

Também é significativo que em muitos relatos evangélicos as aparições do Ressuscitado aconteçam em meio a comidas, num ambiente de grande gozo, proximidade e alegria. Em uma fração do pão o reconhece o casal de Emaús.

O Reino de Deus se simboliza com um grande banquete de bodas, uma grande festa com manjares e vinhos abundantes.

2. Mas, enquanto Paulo e os três evangelistas sinópticos nos transmitem a instituição da última ceia, o evangelho de João que dedicou o capítulo 6 ao pão da vida, substitui a instituição da eucaristia pelo lava-pés (Jo 13,1-20), cena que apresenta com grande solenidade: é a hora de passar deste mundo ao Pai, expressão de seu amor aos seus até o extremo. E encarrega aos discípulos que façam o mesmo que ele fez com eles.

Que significa, portanto, o lava-pés que substitui a ceia eucarística? Esta última ceia de Jesus não é uma ceia ordinária, nem um banquete puramente festivo.

Esta ceia é uma ceia pascal e o lava-pés é expressão simbólica da atitude de Jesus desde sua encarnação até a cruz, uma atitude de serviço e entrega por amor, como a do Servo de Yahvé que dá a vida pela humanidade, para que a humanidade, livre daquilo que mais teme, o pecado e a morte, possa viver a vida nova. Jesus ao ajoelhar-se ante aos discípulos expressa o

que foi sua vida, pão partido, repartido e compartilhado por amor aos seus, entrega total, pro-existência.

A morte de Jesus na cruz não é fruto da vingança do Pai que sente sua honra ferida pela ofensa infinita do pecado humano e que exige uma sangrenta reparação, como aparece na cristologia medieval anselmiana. Não é a materialidade biológica do sangue de Jesus que nos salva, mas o amor com o qual Jesus se encarnou em nossa história e sofreu as consequências do pecado dos poderes religiosos e políticos de seu tempo que se opõem ao projeto do Reino de Deus.

Mas, a vida de Jesus não acaba no sepulcro, pois o Pai, pela força do Espírito, o ressuscita para uma vida nova e gloriosa. Por esta mesma razão, a eucaristia não é unicamente o memorial da paixão, como algumas orações litúrgicas dizem, mas memorial da paixão e da ressurreição, memorial da Páscoa, um memorial que não só é recordação psicológica do passado, mas atualização e presença do mistério pascal do Ressuscitado que o Espírito nos faz viver e reviver na Igreja. A cruz é gloriosa, fonte de vida e de Espírito.

Esta presença pascal de Jesus na liturgia eucarística é inseparável da vida e opções históricas de Jesus de Nazaré, das que o lava-pés é só um símbolo. Jesus, ungido pelo Espírito, passou pelo mundo fazendo o bem e libertando de toda escravidão. O Reino de Deus que Jesus anuncia é justiça, direito, predileção pelos pobres e excluídos e, por isso, deseja uma mesa comum, aberta a todos, na qual todos, começando pelos últimos, participem dos bens da criação, do pão nosso de cada dia.

Por isso Paulo repreende duramente aos coríntios porque na comida que antecede a eucaristia, os ricos deixam sem comida aos pobres, que chegam tarde porque seguramente vem de trabalhar no porto de Corinto. Esta não é a ceia do Senhor, diz Paulo, não é o memorial subversivo dos valores de inclusão e hospitalidade que Jesus pregou frente aos valores mundanos de exclusão e marginalização.

Não podemos separar a mesa eucarística da mesa do irmão, não podemos reduzir a eucaristia a um rito litúrgico à margem da vida, à margem dos escravos do mundo de hoje, à margem dos que passam fome, vítimas de estruturas sociais e econômicas que excluem e matam.

3. E esta vinculação entre a mesa e o memorial antecipa já o banquete escatológico do Reino, os novos céus e a nova terra, onde todo o bom e positivo deste mundo e da história encontraremos transfigurado pela força do Espírito do Senhor Ressuscitado. A Páscoa judaica e a Páscoa da Igreja culminam na Páscoa eterna de toda a criação no Reino, onde Deus será tudo em todos. Por isso, na eucaristia o pão e o vinho se convertem antecipadamente em pão de vida e vinho de salvação.

E tudo isso pela força epiclética do Espírito Criador e Dador de vida, que desde o caos originário engendra vida, é pai dos pobres, unge a Jesus no batismo e conduz a Igreja e a história à vida do Reino do Deus.

Mas, enquanto haja fome no mundo, a eucaristia não estará completa, ainda não será plenamente mesa e memorial do Senhor, a ceia do Senhor. Por isso, temos de partir e partilhar o pão de nossa vida com os demais, lavar os pés aos pobres, como fez Jesus. Assim, o domingo voltará a ser, como na Igreja primitiva, o dia do Senhor morto e ressuscitado, a alegre celebração comunitária da Páscoa do Senhor.

Víctor Codina

Universidad Católica Boliviana, Cochabamba - Bolívia

É um sacerdote jesuíta, nascido na Espanha, e teólogo latino-americano. Desde 1982 vive na Bolívia, onde alternou a tarefa de professor de teologia fundamental na Universidade Católica da Bolívia em Cochabamba com o trabalho de formação de leigos e de pastoral popular. E-mail: victorcodinasj@gmail.com